



Paratradução: uma prática editorial e um caso de Machado de Assis em espanhol

Paratraducción: una práctica editorial y un caso de Machado de Assis en español

Paratranslation: an editorial practice and a case study of Machado de Assis into Spanish

JULIANA APARECIDA GIMENES

Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Departamento de Linguística Aplicada, Rua Sérgio Buarque de Holanda, n.º 571, Cidade Universitária, Campinas, Brasil. CEP: 13083-859.

Dirección de correo electrónico: juliana.linguistica2006@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0539-6609>

Recibido: 12/2/2020. Aceptado: 16/11/2020.

Cómo citar: Gimenes, Juliana Aparecida, «Paratradução: uma prática editorial e um caso de Machado de Assis em espanhol», *Hermēneus. Revista de Traducción e Interpretación*, 22 (2020): 221-242.

DOI: <https://doi.org/10.24197/her.22.2020.221-242>

Resumo: Propomos, aqui, uma leitura de paratextos (Genette, 2009) em duas traduções de *Memórias póstumas de Brás Cubas* para o espanhol, a fim de analisar a construção da imagem que se faz de Machado de Assis. Como uma proposta crítica de trabalho com o texto traduzido, a paratradução permite entender não só aspectos concernentes ao texto, mas também ao processo de tradução mais amplo nas práticas editoriais (Yuste Frías, 2011, 2015). Observamos uma ênfase nos aspectos biográficos do escritor, sobretudo em sua infância pobre de menino negro no Brasil oitocentista, e na genialidade literária do autor maduro e epilético. Contrastamos essa construção do autor Machado, de certa forma referendada pela repetição, com a imagem de outro Machado apresentado por Massa (2009a).

Palavras-chave: Paratradução, criação, Machado de Assis, Espanhol.

Resumen: Proponemos, aquí, una lectura de paratextos (Genette, 2009) en dos traducciones de *Memórias póstumas de Brás Cubas* al español, con el fin de analizar la construcción de la imagen de Machado de Assis. Como propuesta crítica de trabajo con el texto traducido, la paratraducción permite entender no solamente los aspectos relacionados con el texto, sino también con el proceso de traducción como tarea más amplia dentro de las prácticas editoriales (Yuste Frías, 2011, 2015). Hemos observado un énfasis en los aspectos biográficos del escritor, sobre todo los referentes a su temprana edad de niño negro y pobre en el Brasil del siglo XIX, y su genialidad literaria de un autor maduro y epilético. Hemos contrastado dicha construcción de Machado, repetida a lo largo del tiempo, con la imagen de otro Machado presentada por Massa (2009a).

Palabras clave: Paratraducción, creación, Machado de Assis, español.

Abstract: In this paper, we proposed a reading of paratexts (Genette, 2009) in two translations of *Memórias póstumas de Brás Cubas* into Spanish, in order to analyze the way Machado de Assis' image is constructed. As a critical approach of working with the translated texts, paratranslation allows us to understand not only the wider aspects regarding the text itself, but also those related to the translation process within the editorial practices (Yuste Frías, 2011, 2015). We have recognized an emphasis on the biographical aspects of Machado de Assis, mainly about his childhood as a poor black boy in 1800's Brazil as well as his adulthood as a literary genius and an epileptic person. We have also compared this construction of Machado as an author, the more well-known and repeated image along the years, with another Machado presented by Massa (2009a).

Keywords: Paratranslation, creation, Machado de Assis, Spanish.

Sumário: Introdução; 1. Alguns comentários sobre paratradução; 2. Paratraduzindo Machado de Assis; 3. Considerações finais; Referências bibliográficas.

Sumario: Introducción; 1. Algunos comentarios acerca de la paratraducción; 2. Paratraduciendo a Machado de Assis; 3. Conclusiones; Referencias bibliográficas.

Summary: Introduction; 1. Some considerations about paratranslation; 2. Paratranslating Machado de Assis; 3. Conclusions; References.

INTRODUÇÃO

Menino pobre, neto de escravos libertos, órfão ainda na infância, morador do morro do Livramento no Rio de Janeiro, gago e epilético, que viria a superar todos os obstáculos impostos pela vida e ser o fundador da Academia Brasileira de Letras, além de um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos. Essa breve apresentação, com pequenas variações, poderia ser um resumo dos fatos mais narrados e descritos em qualquer biografia de Machado de Assis. São traços que já fazem parte de um imaginário coletivo sobre o escritor.

Essa é uma visão sobre Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) que vem sendo construída ao longo dos anos tanto por biógrafos como por profissionais do mercado editorial nacional e internacional. Dentre os fatores que trabalham para isso, gostaríamos de destacar especialmente um neste trabalho:¹ o papel das paratraduções, em especial as introduções, na edição e construção daquilo que podemos chamar de «Machado de Assis imaginário» em duas edições de uma mesma tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas* para o espanhol.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Há muitas lacunas quanto à reconstrução da infância e da adolescência de Machado de Assis, pois faltam registros e muitas das informações foram dadas por testemunhas, que na época conheceram Machado pessoalmente, e são relatos com base em suas percepções pessoais. Com relação à cor de pele, em um país onde o mercado de escravizados era uma atividade lucrativa, Jean-Michel Massa (2009b) aponta, por exemplo, a polêmica de Joaquim Nabuco de que Machado «era branco (...) perfeita caracterização caucástica» (Massa, 2009b: p. 55).²

É preciso ressaltar que revelar tais aspectos da biografia do autor não é diminuir sua genialidade e sua trajetória nas letras, nem amenizar os problemas que certamente enfrentou durante sua vida, mas possibilitar uma (des)construção de um olhar mais crítico (atitude tão cara a nosso escritor) sobre como a produção editorial atua diretamente na escolha e na criação de fatos históricos, ressaltando certas características do autor e silenciando outras. Posto isso, devemos manter no horizonte de nossa compreensão o fato de a produção editorial, como uma atividade humana, ser guiada por distintas ideologias.³

A *manipulação da fama literária* não é um tema novo dentro dos Estudos de Tradução. Autores da chamada «virada cultural» foram inovadores no sentido de dar atenção tanto a profissionais da tradução como a estudantes dessa área para o fato de que o trabalho com o texto sempre é marcado por manipulações, por ideologias e por interesses que

² É preciso destacar o fato de que o embranquecimento de Machado de Assis é uma questão muito mais social do que estritamente biológica. Uma maior discussão desse assunto pode ser vista em Silva (2014). Daniel Piza (2006: p. 41) nos informa que, na certidão de óbito, consta que a cor de Machado de Assis era branca.

³ Se na época em que Machado de Assis viveu a ideologia dominante era o embranquecimento da população brasileira, atualmente há movimentos que visam trazer à tona essa problematização, como foi o recente caso da coloração de uma fotografia de Machado de Assis em que o autor aparece como um homem negro, fazendo, assim, uma reparação histórica. A campanha publicitária pode ser vista na página web da Faculdade Zumbi dos Palmares (SP), disponível em: <http://www.zumbidospalmares.edu.br/machode-assis-real/> (data de consulta: 3/02/2020). Em 2011, a Caixa Econômica Federal, instituição financeira, teve que se retratar perante a população brasileira devido a uma peça publicitária, em comemoração aos 150 anos de sua fundação, em que Machado de Assis aparecia representado por um ator branco (https://www.youtube.com/watch?v=10P8fZ5I1Wk&ab_channel=ZaniniH.), sendo tal peça, logo em seguida, refeita com um ator negro (https://www.youtube.com/watch?v=XX71Z_7p-As&ab_channel=HeraniFranciscodaSilva) (data de consulta: 17/11/2020). Vemos, assim, como essa discussão continua pertinente nos dias atuais.

permeiam e mesmo extrapolam o linguístico. Nesse sentido, a noção de refração (e não mais reflexo, cópia, equivalência, entre outros, muito frequentemente com conotações negativas) passa a ganhar destaque, uma vez que o olhar da crítica está em como o texto traduzido atinge um público específico de um modo diferente a partir de variáveis mercadológicas, culturais, históricas, políticas e sociais.

Este trabalho, portanto, fará a seguir uma breve introdução à noção de paratradução para que possamos, logo depois, retomar essa ideia ao aprofundar nos paratextos de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Mais especificamente, nos limitamos nesse momento às análises do que conhecemos como orelha, introdução, ficha catalográfica, capa e colofão (ou seja, alguns dos peritextos). Vale mencionar também que as críticas literárias e as biografias, ou mesmo este artigo, por exemplo, também funcionam como paratextos, uma vez que expandem a leitura. São epitextos como os de Massa (2009a e 2009b) e Piza (2006) que veremos na sequência.

1. ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE PARATRADUÇÃO

A paratradução tem como fundamentação a noção de paratexto. Se, para Genette (2009), o que conhecemos como livro só se caracteriza como tal pela presença de paratextos, ou seja, tudo aquilo que está ao redor do texto, sejam as orelhas, as capas, o índice, a apresentação, as notas de rodapé, entre outros elementos no próprio material textual (peritextos, «peri-», ao redor, que circunda), sejam quaisquer outros elementos em outros suportes (epitextos, «epi-», em cima de, movimento para), a paratradução é tudo aquilo que «introduz, apresenta, está ao redor, acompanha, envolve e amplia» a tradução (Garrido Vilariño, 2005; Yuste Frías, 2011, 2015). Em outras palavras, o que conhecemos como tradução, no mercado editorial, assim se caracteriza tão somente pela presença indispensável dos paratextos, espaços privilegiados para a mediação editorial, a mediação cultural e o estabelecimento de laços entre o texto e a pessoa que lê. Trata-se, portanto, de uma produção paratextual que não poderia passar despercebida na tradução editorial de um modo geral e na de obras literárias de um modo mais específico.

Muito mais do que a tradução de paratextos, a paratradução (como indica o prefixo grego «para-», ao lado de, junto, com) visa entender, de certa forma, como as traduções são construídas e como circulam no mercado editorial, revelando-se, então, de grande interesse tanto para

esse mercado como para os profissionais envolvidos na construção do livro traduzido. Como bem observa Garrido Vilariño (2005: p. 39),

(os elementos «paratradutivos») podem manifestar-se em forma de linguagem verbal ou linguagem icônica ou na combinação das duas, a linguagem verbo-icônica, sempre dentro de todo esse espaço do paratexto que envolve – acompanha, introduz, apresenta, embeleza ou adorna – o texto final do processo de tradução, mas que *stricto sensu* não é fruto da tradução de nenhum texto original.⁴

É interessante pensar em termos de construção das traduções, uma vez que não lidamos com materiais textuais como produtos acabados e encerrados em si mesmos, mas justamente o contrário, isto é, são textos que, a partir da publicação do livro, atingem o público de diferentes maneiras e estão em constante transformação. Certamente, durante a produção editorial, há vários profissionais envolvidos na construção do livro (tradutores e tradutoras, revisores e revisoras, editores e editoras, profissionais da produção gráfica, capistas, diretores e diretoras de marketing, distribuidores e distribuidoras etc.) –agentes paratradutores–, e cada um desses especialistas, alguns mais outros menos, tem poderes de decisão sobre o que fazer com o texto que tem em mãos. São pessoas que, de alguma forma, junto com o escritor e/ou a escritora, tecem o texto que estará à venda em lojas físicas e/ou virtuais.

Muitas das decisões são tomadas com base na concepção que se tem sobre cultura, política e ideologia –às vezes consciente, às vezes inconsciente–, visando uma finalidade mais ou menos controlada: vender o livro. Afinal, não é objetivo de nenhuma editora ter prejuízos financeiros (pensamento que reflete a lógica capitalista na qual estamos imersos, só para ilustrar uma situação bem simples); ou ainda é o caso de produções de autores já consagrados em outros polissistemas literários (Even-Zohar, 2000), que ocupam posições centrais tanto na formação cultural como no consumo literário – como é o caso de Machado de Assis no Brasil, ocupando uma posição central no cânone literário e não sendo

⁴ «(los elementos “paratradutivos”) pueden manifestarse en forma de lenguaje verbal o lenguaje icónico o en la combinación de los dos, el lenguaje verbo-icónico, siempre dentro de todo ese espacio del paratexto que rodea –acompaña, introduce, presenta, embellece o adorna– el texto término del proceso de traducción, pero que *stricto sensu* no fue fruto de la traducción de ningún texto original». Esta e todas as traduções não referenciadas são nossas.

necessariamente o que acontece nos países de língua espanhola, como veremos mais adiante. São posicionamentos éticos, políticos, ideológicos e culturais, então, que guiam o trabalho de tradução e paratradução.

A paratradução está diretamente ligada à tradução de imagens, no sentido de que as pessoas que traduzem não lidam apenas com a tradução de línguas, mas com a tradução de imaginários mentais latentes nas línguas envolvidas (Yuste Frías, 2011: p. 68). Sobre o uso da palavra «imaginário», o teórico e tradutor afirma que se trata de

(um) conjunto de imagens «materiais» de natureza não verbal (imagens visuais tais como desenhos, ilustrações, fotografias) e imagens «mentais» de natureza verbal (imagens mentais implícitas em todo signo linguístico) que chegam a construir estruturas coerentes e dinâmicas provedoras sempre de um sentido simbólico para ler, interpretar e (para)traduzir pelo sujeito que traduz.⁵

Nesse sentido, veremos como as paratraduções de *Memórias póstumas* constroem uma certa imagem de Machado de Assis em língua espanhola. O presente trabalho, então, se justifica por Machado de Assis ser reconhecido nos países hispânicos sobretudo por meio das traduções; logo, todo um trabalho de paratradução vem sendo feito ao longo de décadas,⁶ mesmo que a noção de «paratradução» só tivesse sido cunhada bem mais tarde. Faz-se também imprescindível chamar a atenção para o fato de nosso escritor ser lido e estudado principalmente por um público mais ou menos específico (intelectuais e acadêmicos [Espinosa Domínguez, 2010]), mas desconhecido do grande público em geral.

Outro aspecto não menos importante para este estudo é a observação de que usualmente os livros –não só de literatura e não só os traduzidos, trazem informações biográficas relevantes sobre o autor ou a autora. Dessa maneira, as breves biografias de Machado de Assis estão de acordo com o que se faz no mercado editorial. O que queremos, contudo,

⁵ «(...) conjunto de imágenes “materiales” de naturaleza no verbal (imágenes visuales tales como dibujos, ilustraciones, fotografías) e imágenes “mentales” de naturaleza verbal (imágenes mentales implícitas en todo signo lingüístico) que llegan a construir estructuras coherentes y dinámicas proveedoras siempre de un sentido simbólico a leer, interpretar y (para)traducir por el sujeto que traduce».

⁶ A primeira tradução de uma obra de Machado de Assis para a língua espanhola foi justamente a do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado inicialmente em forma de folhetim no jornal *La Razón* de Montevideu, Uruguai, em 1902, pelo tradutor Julio Piquet (Rocca, 2009: p. 38).

destacar são justamente as escolhas das informações que tais biografias trazem.

As duas traduções cujas apresentações serão analisadas são: (a) *Memorias Póstumas de Blas Cubas*, tradução de Antonio Alatorre e notas de Antonio Alatorre e Pero de Botelho, publicado por *Ediciones Casa de las Américas*, República de Cuba, 1963; e (b) *Memorias póstumas de Blas Cubas*, tradução de Antonio Alatorre, notas de Antonio Alatorre e Pero de Botelho e introdução de Lúcia Miguel Pereira, publicado por *Fondo de Cultura Económica* (FCE), 3^o edição, México, 2006. Vale notar que as fontes tipográficas dos nomes de Alatorre e Botello são diferentes e menores das fontes tipográficas usadas no nome de Machado de Assis, seguindo um padrão tradicional para capas e folhas de rosto dentro do mercado editorial de tradução literária.⁷

De início chama nossa atenção o fato de ambas as edições serem resultados da mesma parceria entre os profissionais Antonio Alatorre, que assina tanto a tradução como as notas, e Pero de Botelho que se dedica à elaboração das notas. Isso se explica na edição cubana de *Memorias póstumas*, uma vez que, na ficha catalográfica, descobrimos que o FCE autorizou a edição limitada para Cuba (num total de 5000 exemplares). Embora estejamos aqui trabalhando com a publicação de 2006 do FCE, sua primeira publicação ocorreu em 1951, isto é, 55 anos antes. Trata-se, portanto, da «mesma tradução»; mesma e outra, mesma, mas «outra tradução».⁸

⁷ Ainda sobre *Memórias póstumas* traduzido por Antonio Alatorre, com notas de Pero de Botelho e introdução de Lúcia Miguel Pereira, é preciso mencionar que a primeira edição feita pelo FCE ocorreu em 1951, para a *Colección Biblioteca Americana*. Posteriormente, em 1976, foi lançada a segunda edição para a *Colección Popular*. Em 2006, para a *Colección Conmemorativa 70 aniversario* do FCE, saiu a terceira edição, esta com a qual estamos trabalhando. As fontes consultadas para esse levantamento de dados são o artigo de Cardellino Soto (2012), a ficha catalográfica da edição de 2006 e o próprio *site* do FCE, disponível em: <https://www.fondodeculturaeconomica.com/Ficha/9786071608987/F> (data de consulta: 17/11/2020).

⁸ Além de a edição cubana, convem mencionar que a publicação da tradução foi autorizada por *El Fondo*, verificamos, por meio de cotejo, que, de fato, trata-se do mesmo texto, incluindo as mesmas 72 notas de rodapé. Os projetos editoriais, no entanto, são diferentes. Enquanto a edição mexicana apresenta 237 páginas impressas com tipos Minion de 1:14 e 11:14 pontos, além de uma tiragem de 2000 exemplares; a edição cubana tem 417 páginas, impressa na unidade 206-02, com uma tiragem de 5000 exemplares [informações retiradas do colofão das próprias edições]. Observe-se que, como dito acima, a edição cubana é limitada de 5000 exemplares, mais do que a própria edição de 2000 exemplares do FCE.

Sobre os profissionais do texto, Antonio Alatorre Chávez⁹ (1922-2010), que figura como tradutor e autor das notas, foi um escritor, crítico literário, filólogo, professor e tradutor mexicano. Grande conhecedor de latim, grego, italiano, francês e português, dedicou-se às Letras e aos Estudos Linguísticos não só no México, mas em vários outros países também, tendo recebido diversos prêmios por seus trabalhos. Já em relação ao escritor Pero de Botelho, autor das notas, não pudemos, até o momento, localizar dados biobibliográficos para contextualizá-lo dentro das traduções aqui estudadas.

Vale ainda um breve comentário sobre o tratamento de imagens de ambas as edições: nenhuma delas traz qualquer tipo de fotografia, desenho, ilustração ou imagem (exceto o logo do FCE da edição mexicana). São, podemos dizer, projetos de capas que trazem as informações indispensáveis para a construção do livro. O design gráfico de cada uma delas é composto pelas formas das letras, das cores e da disposição dos espaços em branco.¹⁰

2. PARATRADUZINDO MACHADO DE ASSIS

Ser pobre no Brasil oitocentista era ter limitações sociais, econômicas e legais; ser negro limitava ainda mais a possibilidade de mudança, de transição social. Machado de Assis era pobre e negro. Longe de tentar minimizar a superação de desafios do jovem Joaquim Maria no âmbito social e a genialidade do escritor Machado de Assis no âmbito literário, o que propomos neste momento é uma (re)leitura de como sua vida vem sendo (re)construída ao longo dos anos por biógrafos, críticos literários e, não menos importantes, tradutores e paratradutores. Ao mesmo tempo, apresentaremos algumas contraposições que visem problematizar essa criação da imagem de Machado de Assis.

⁹ Gobierno de México: <https://www.gob.mx/sep/acciones-y-programas/antonio-alatorre-chavez> (data de consulta: 17/11/2020).

¹⁰ Podemos pensar que as próprias letras são «desenhos» no papel e que cada estilo, cor, tamanho, espaçamento também contribuem para uma percepção diferente do livro. Essa noção foi bastante explorada por poetas modernistas como Guillaume Apollinaire e, no Brasil, pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos. Para uma leitura mais aprofundada sobre isso, cf. Clüver (2016: pp. 19-38).

Na edição cubana, temos uma apresentação do escritor brasileiro começando pelo fato de ter sido um menino *mulato*¹¹ em um país escravocrata que lutava pela abolição. Essa visão também se apresenta no texto da orelha do livro, do qual destacamos

Machado de Assis, filho de um mulato, pintor e dourador de ofício, e de uma portuguesa, nasceu no Rio de Janeiro em 1839. Seus primeiros anos foram difíceis. Ficou órfão e sua única irmã morreu. Viveu sob a proteção de sua madrastra, uma mulata brasileira.¹²

Mais adiante, segue a descrição:

Machado de Assis padeceu durante toda sua vida um mal terrível, a epilepsia, que o atormentou, e, ao mesmo tempo, o impulsionou a alcançar a serenidade em sua obra e uma posição literária destacada nas letras brasileiras, como compensação.¹³

E encerra mostrando que «Sua obra permanece um testemunho autêntico de sua angústia interior. Machado de Assis morreu em 1909».¹⁴ Nesses trechos destacados, observamos como pesam as informações sobre as dificuldades enfrentadas pelo escritor brasileiro ao longo dos anos (viu os pais e a irmã morrerem, ficando sob proteção da madrastra, e mais a epilepsia e a angústia interior). Não obstante, são essas mesmas

¹¹ Há uma grande discussão em torno do uso das palavras «mulato» e «mulata» em português no Brasil. Apesar de ter havido uma espécie de recuperação etimológica do termo, que teria vindo do árabe *muwalla* (mualad, mulad), os movimentos negros repudiam esse uso que remeteria a ‘mula’, animal híbrido e considerado de raça inferior e que teria pretensões de funcionar como uma «expressão de brasilidade», como forma de «elogiar a mestiçagem» (Silva, 2018: p. 77). A autora ainda prossegue problematizando o uso desses termos em espanhol, ou como proceder com os textos publicados em outros contextos históricos. Certamente, trata-se de uma discussão que precisa ser cada vez mais levada em consideração.

¹² «Machado de Assis, hijo de un mulato pintor y dorador de oficio, y de una portuguesa, nació en Río de Janeiro en 1839. Sus primeros años fueron difíciles. Quedó huérfano y murió su única hermana. Vivió bajo la protección de su madrastra, una mulata brasileña».

¹³ «Machado de Assis padeció durante toda su vida un mal terrible, la epilepsia, que lo atormentó, y al mismo tiempo, lo impulsó a alcanzar la serenidad en su obra y una posición literaria destacada en las letras brasileñas, como compensación».

¹⁴ «Su obra queda como testimonio auténtico de su angustia interior. Machado de Assis murió en 1909».

dificuldades que projetam o futuro de reconhecimento de sua obra «como compensação». Além de destacar em dois momentos as origens de Machado de Assis, «filho de um mulato» e «sob a proteção de sua madrasta, uma mulata». Destaca-se também o equívoco quanto ao ano de morte de Machado de Assis, registrado 1909 no livro, e não 1908. Essa informação, no entanto, aparece corrigida no texto de apresentação. A morte de Machado ocorreu em 1908.

Piza (2006) destaca que Machado de Assis realmente sofria com crises de epilepsia, no entanto, embora não se saiba ao certo quando essas crises surgiram, o pesquisador sinaliza que durante a vida de casado, com Carolina, as crises diminuíram bastante, voltando a acontecer com mais frequência após a morte da esposa.

Sobre a questão da compensação, Massa (2009b: p. 21) aponta que Lúcia Miguel Pereira é uma das biógrafas que insistiu na tese de «compensações e transferências». Podemos ler nessas entrelinhas a ideia de que, por ser mulato, compensava sua vida com atividades intelectuais.

Não sabemos quem assina o texto da orelha –elemento peritextual–, contudo, podemos levantar algumas hipóteses com base nos estudos sobre a paratradução. Em geral, dentro de uma perspectiva tradicionalista no mercado editorial, o profissional da tradução não costuma participar das decisões que envolvem a produção de um livro, ou seja, por muito tempo, o tradutor ou a tradutora teve (e ainda tem) sua participação limitada à tradução do «texto propriamente dito», enquanto todos os outros elementos paratextuais ficavam sob responsabilidade do editor. Como estamos lidando com uma publicação de 1963, nos arriscamos a dizer que é uma edição que segue essa política editorial. Mesmo que o texto seja de autoria do tradutor, seu nome não ganha visibilidade nesse local. O que nos permite justificar essa ideia é também o que Álvarez Lugerís (2014: p. 15) afirma:

(...) não são em muitos casos os tradutores os principais agentes paratradutores; muitas das estratégias que contribuem para a criação de uma imagem, tanto própria como do outro, são desenhadas e desenvolvidas por instâncias diferentes, entre elas os editores ou editoras, e até mesmo escapam do controle da pessoa que traduz.¹⁵

¹⁵ «(...) no son en muchos casos los traductores los principales agentes paratradutores; muchas de las estrategias que contribuyen a la creación de una imagen, tanto propia como ajena, son diseñadas y desarrolladas por instancias distintas, entre ellas los editores o editoras, e incluso escapan del control de la persona que traduce».

O texto de apresentação dessa edição também não traz o nome do autor, o que nos permite supor um caso semelhante ao descrito para a orelha. Aqui o texto tem quatro páginas e meia de extensão, pelas quais conhecemos um pouco mais de Machado de Assis. Novamente temos o destaque para a infância de menino pobre em um país em plena luta contra a escravidão.

Nenhuma infância tão desprovida e tão pobre como a do mais perfeito estilista das letras brasileiras. Joaquim Maria Machado de Assis, nascido em 1839, em plena luta pela abolição da escravidão, de uma escrava negra, conheceu toda sorte de adversidades ao conviver com os indigentes do «Morro do Livramento», Rio de Janeiro, o bairro oprimente dos pobres da cidade. Toda a galeria da miséria humana desfilou diante seus olhos, antes de se transformar, por obra de sua incrível dedicação e disciplina, no escritor mais pessoal de seu tempo (VII).¹⁶

Temos nesse excerto mais uma vez a menção à infância pobre de um menino que se transformaria, por «incrível dedicação» no maior escritor do Brasil, a partir da observação atenta da «galeria de miséria humana». É interessante, ademais, perceber que, nessa descrição, Machado de Assis seria filho de uma «escrava negra», o que contradiz não só o texto da orelha, «filho de uma portuguesa», como outras biografias importantes de Machado de Assis, como a de Lúcia Miguel Pereira (1988) ou a de Jean-Michel Massa (2009b), quando afirmam que Machado seria neto de escravos libertos por parte de pai, mas a família materna, de origem portuguesa. Entretanto, talvez possa ser menção à madrastra, também negra, que cuidou do menino Joaquim após a morte dos pais biológicos, mas isso se configura como uma especulação nossa.

Mais adiante no texto, repete-se a referência racial:

(...) o pequeno mulato começa a revelar sua infatigável paixão pela leitura. Autodidata, na acepção total do termo, deve tudo a si mesmo, aos seus

¹⁶ «No hay ninguna infancia tan desvalida y tan pobre como la del más perfecto estilista de las letras brasileñas. Joaquín María Machado de Assis, nacido en 1839, en plena lucha por la abolición de la esclavitud, de una esclava negra, conoció toda suerte de adversidades al convivir con los indigentes del “Morro do Livramento”, de Río de Janeiro, el barrio oprimente de los pobres de la ciudad. Toda la galería de la miseria humana desfiló frente a sus ojos, antes de convertirse, gracias a su increíble dedicación y disciplina, en el escritor más personal de su tiempo».

solitários desvelos de mulato desprezado, impondo-se por fim sobre tudo e todos, com afincio incomparável.¹⁷

Nossa principal referência, como dito acima, para desconstruir esse véu romantizado de superação de Machado de Assis (que se fixou, até mesmo no Brasil, e passou a ser repetido de forma acrítica) nos paratextos das traduções é Jean-Michel Massa. Para esse estudioso, é preciso ter em mente a questão do contexto sociocultural em que o menino Joaquim Maria nasceu. Embora não haja dúvidas a respeito das dificuldades financeiras a que estavam submetidos nessa época, é preciso lembrar que, em um país cuja taxa de analfabetismo era da ordem de 70%-80%, de certa forma, a família de Machado tinha seus recursos, já que o pai era assinante do *Almanaque Laemmert*, o que revela que eram letrados e, de alguma maneira, bem-educados (Massa, 2009a: p. 234).

Piza (2006) também aponta que a família de Machado de Assis se distinguia da dos negros alforriados sem emprego e dos miseráveis. Talvez fosse uma família de agregados, vivendo na chácara da madrinha. Por isso, é muito curioso ver a ideia que se constrói no paratexto acima de que Machado era um «mulato desprezado».

Nas palavras de Massa (2009a: p. 234), trata-se de um «anacronismo», ou seja, olhamos para a infância pobre de Machado de Assis com os olhos de hoje, e que esse julgamento «privaria nosso (...) escritor de uma capacidade, de um poder (que, de modo contraditório, lhe é, aliás, reconhecido): o de criar, de imaginar – base da ficção».

Já sobre sua personalidade e costumes, a imagem que temos de Machado de Assis, segundo os paratextos, é a de que «não dava mais do que um passeio diário pela Livraria Garnier, do Rio, aonde ia para conversar um pouco –era gago– e a observar muito».¹⁸ Observe-se o destaque para o fato de «conversar pouco [porque] era gago». Ainda sobre sua condição física, vemos que

Machado de Assis padecia, como Dostoievski, de epilepsia, enfermidade que o atormentou até o fim de seus dias. E apesar de ser arriscado atribuir a

¹⁷ «(...) el pequeño mulato comienza a revelar su infatigable pasión por la lectura. Autodidacta, en la acepción total del término, lo debe todo a sí mismo, a sus solitarios desvelos de mulato menospreciado, imponiéndose por fin por sobre todo y todos, con tesón incomparable».

¹⁸ «no pasaba de un paseo diario por la Librería Garnier, de Río, a donde iba a conversar un poco –era tartamudo– y a observar mucho».

esse mal terrível sua inclinação às brumas do espírito humano, chama a atenção que coincida com o grande escritor russo em sua preocupação com as reações quase indomáveis de suas personagens.¹⁹

Revela-se interessante o duplo paralelo dessa passagem: Machado e Dostoiévski sofriram com crises de epilepsia e tanto o escritor brasileiro como o russo se preocupavam com as reações das personagens. Embora o excerto faça a ressalva acerca da ligação entre epilepsia e criação literária, de alguma forma, reforça o que já foi dito anteriormente: as condições clínicas de Machado de Assis teriam empurrado o escritor para a genialidade das letras.

Na edição mexicana, por sua vez, temos a introdução, de 1948, de Lúcia Miguel Pereira, uma das mais importantes e renomadas biógrafas de Machado de Assis. Como se trata de uma edição comemorativa dos 70 anos do *Fondo de Cultura Económica*, imaginamos que a escolha por um texto dessa autora traduzido para o espanhol –ou que ela mesma tivesse já escrito tal texto– para servir de apresentação à narrativa de Brás Cubas pode nos mostrar certo cuidado com a edição, retomando o que dissemos anteriormente sobre os aspectos éticos, ideológicos, culturais e políticos envolvidos na tradução, no caso, de uma obra literária: os paratradutores dessa edição conhecem os estudiosos de Machado de Assis e dão voz a Pereira em uma edição importante no mercado editorial não só mexicano, mas também latino-americano como um todo, já que o FCE é reconhecido por sua importância editorial em todo o continente. Essa escolha também seria um diálogo, como vimos acima, com a noção de polissistemas, uma vez que Lúcia Miguel Pereira está no centro dos estudos machadianos no Brasil. Há, portanto, alguma visibilidade de seu nome no mercado editorial latino-americano.²⁰

Logo no início do texto de Pereira (novamente sem o nome de quem traduziu, caso seja um texto traduzido), somos apresentados às condições

¹⁹ «Machado de Assis padecía, como Dostoiévski, de epilepsia, enfermedad que lo atormentó hasta el fin de sus días. Y aunque sería arriesgado atribuir a ese mal terrible su inclinación hacia las brumas del espíritu humano, llama la atención que coincida con el gran escritor ruso en su preocupación por las reacciones casi indomables de sus personajes».

²⁰ Esta não seria a primeira vez que um texto Lúcia Miguel Pereira apareceria como introdução a uma tradução de Machado de Assis para o espanhol. Segundo Cardellino Soto (2012: p. 154), a crítica brasileira aparece como prologuista de uma tradução de *Don Casmurro / Tres cuentos*, tradução de J. Natalicio Gonzáles, W. M. Jackson, Buenos Aires, no ano de 1945.

que, potencialmente, seriam um empecilho para a produção artística, como o fato de o autor ser uma pessoa de condições humildes, negro e de saúde precária, todas presentes em Machado de Assis, «figura máxima da literatura brasileira».

Não são, por sorte, poucos os grandes homens de origem humilde, nem – em países de população mestiça – os mulatos ilustres, nem os autodidatas de grande cultura, nem os indivíduos que, a despeito de sua saúde precária, produzem uma obra abundante, nem os burocratas com debruns de artistas, nem os tímidos que conseguem se impor; mas quando tudo isso se reúne em uma única pessoa é de se supor que, para que se harmonizem tantos elementos adversos, tenha sido contraditoriamente dotada. Este é o caso de Machado de Assis, a máxima figura da literatura brasileira (...) (13).²¹

Mais adiante, continua a biógrafa descrevendo as características de Machado,

(...) o corpo, alto e magro, dentro de um fraque escuro, o gesto lento, a palavra rara – seguramente para dissimular a gagueira (...) até o fato de que ocultasse sob a barba e os bigodes grisalhos os sinais mais evidentes de sua condição de mulato (13).²²

É perceptível, nesses dois momentos, que a autora deixa transparecer um Machado de Assis que teria vergonha de suas origens, uma vez que esconderia sua cor e os traços labiais embaixo da barba e dos bigodes, além de ser um homem que estivesse, com muita frequência, preocupado em esconder a gagueira – razão pela qual falava pouco. Em outro momento, lemos que Machado «era um completo introvertido» (21).²³

²¹ «No son, por fortuna, pocos los grandes hombres de origen humilde, ni –en países de población mestiza– los mulatos ilustres, ni los autodidactas de gran cultura, ni los individuos que, a pesar de su salud precaria, producen una obra abundante, ni los burócratas con ínfulas de artistas, ni los tímidos que se consiguen imponer; pero cuando todo esto se reúne en una sola persona es de suponer que, para que se armonicen tantos elementos adversos, haya sido contradictoriamente dotada. Este es el caso de Machado de Assis, la máxima figura de la literatura brasileña (...)».

²² «(...) el cuerpo, alto y delgado, dentro de un frac oscuro, el gesto lento, la palabra rara – seguramente para disimular su tartamudez (...) hasta el hecho de que ocultase bajo la barba y los bigotes grisáceos los signos más evidentes de su condición de mulato».

²³ «Era un completo introvertido».

Com relação à gagueira e à epilepsia, Massa (2009c) nos apresenta a visão de que nosso escritor não era de todo tão tímido como as biografias costumam apresentá-lo, já que Machado de Assis participava de saraus e leituras em voz alta de poemas e de outros tipos de declamações públicas. Além disso, segundo o professor francês, Machado era frequentador de bailes e, à sua maneira, gostava de ser visto, o que contradiz a visão de um Machado «completo introvertido» que procurava se esconder com medo de ter ataques epiléticos em público. Mesmo que isso seja certo – há um resguardo em sua exposição –, não poderia ser visto como um fator limitante para Machado, mesmo porque, como dito, não se sabe ao certo quando Machado de Assis começou a sofrer com epilepsia. É preciso frisar que Massa não nega que Machado tenha sido gago e possa ter querido evitar crises epiléticas em público, mas possibilita a desconstrução de uma figura imaginária, sem que, com isso, diminua sua genialidade com as letras ou a qualidade de sua obra, muito menos ignorar seus problemas (pessoais e financeiros). Da mesma forma, Piza (2006: p. 2) apresenta a ideia de que «sua vida foi mais agitada, rica e significativa do que se supõe», embora não negue que tenha sido uma pessoa tímida.

Pereira retoma o nascimento e a infância do escritor desde o fato de serem os pais de origem econômica e social humildes –pai mulato e pintor e mãe portuguesa– até a proximidade com a madrinha Maria José de Mendonça Barroso, proprietária da Quinta do Livramento. Segundo a biógrafa, a família de Machado «eram pessoas que, ainda sendo livres, encontravam-se atadas por laços não só afetivos, mas também econômicos, a algumas famílias opulentas que os protegiam» (15).²⁴ Para a crítica literária, essa convivência íntima com pessoas de classes sociais mais abastadas fez com que Machado sentisse que todas as pessoas deveriam ter as igualdades fundamentais. Nesse trecho, revela-se uma condição socioeconômica relativamente comum no Brasil daquela época: a troca de favores entre famílias ricas e pobres.

É preciso ainda comentar que, devido à falta de documentação, não se sabe muito a respeito da formação escolar inicial de Machado de Assis, a não ser que a madrinha e a madrastra lhe tivessem dado as primeiras letras. Pereira apresenta o curioso caso do padeiro francês que teria introduzido Machado de Assis à língua de Molière, conhecimento

²⁴ «eran personas que, aun siendo libres, se hallaban ligadas por lazos no sólo afectivos sino también económicos a unas familias opulentas que los protegían».

que, após seu amadurecimento, seria de grande apreço ao escritor, já que traduzia do francês e também escrevia nessa língua.

Uma interessante provocação de Massa (2009a) diz respeito a esse padeiro francês que teria ensinado a língua francesa a Machado: para o professor, o padeiro simplesmente não existiu (pelo menos não constam registros em seu nome ou em nome da padaria), e essa história não passaria de um erro, ou uma fantasia, em torno da formação cultural de Machado de Assis. Para Piza (2006) essa informação também não é comprovável. O que se sabe é, mesmo sem conhecer a origem do aprendizado, que por volta dos 20 anos, Machado de Assis já dominava o francês.

Os leitores desse paratexto vão conhecendo aos poucos as formas como Machado de Assis foi conquistando novos espaços, tanto como tipógrafo e corretor de provas como em seus primeiros escritos para jornais e suas primeiras publicações literárias. Posteriormente, com um nome já reconhecido, entra para a vida burocrática, o que indica, para Pereira, que Machado de Assis «entrou finalmente na burguesia» (17).²⁵ Apesar de parecer que a ascensão social de Machado de Assis tenha sido relativamente tranquila, a crítica literária afirma que «a carreira de um mestiço em uma sociedade como a de então exigia não apenas um imenso gasto de energia, mas também um profundo esforço de adaptação», e que Machado provavelmente «(...) desde menino devia ter os olhos postos muito acima da classe em que nasceu (...)» (17).²⁶

É interessante notar como Lúcia Miguel Pereira reforça uma vez mais, agora com um superlativo que acentua, de forma exagerada, as condições sociais de Machado: «é necessário não esquecer que (Machado) pertencia à *mais baixa* escala social, dentro de uma sociedade cheia de ares de nobreza e de ilusões sobre si mesma» (19, destaques nossos).²⁷ Sabemos, no entanto, que, abaixo da classe à qual pertencia Machado de Assis, havia outras classes muito mais privadas de condições dignas de vida...

²⁵ «entró finalmente en la burguesía».

²⁶ «la carrera de un mestizo en una sociedad como la de entonces exigía no solo un inmenso dispendio de energía sino también un profundo esfuerzo de adaptación (...) desde niño debió de tener la mirada puesta muy por encima de la clase en que nació (...)».

²⁷ «(...) es necesario no olvidar que (Machado de Assis) pertenecía a la más baja escala social, dentro de una sociedad llena de aires de nobleza y de delirios sobre sí misma».

Além das informações biográficas de Machado de Assis, essa introdução, que conta com quinze páginas, traz também algumas breves análises sobre *Memórias póstumas*, sobre o enredo e as personagens, de modo a dar uma visão panorâmica sobre a sociedade e as relações sociais retratadas no romance. O leitor e a leitora têm aqui um primeiro contato com o enredo, com as personagens e situações antes mesmo de iniciar a leitura do romance e depois de ter conhecido um pouco o universo do autor.

Essa reiteração de um Machado de Assis pobre, negro, neto de escravos libertos nas apresentações em espanhol talvez tenha como explicação o fato de ele ter sido / ser, como vimos acima, um autor desconhecido do público hispânico geral, do leitor comum. Os paratextos são aqui operações editoriais estratégicas que pressupõem um público leitor não especializado em literatura brasileira ou em aspectos gerais da história do Brasil. Seriam esses temas atrativos para um público hispano-falante? Isso porque, pelo que pudemos observar das duas traduções apresentadas, a maior parte dos paratextos trata sobremaneira da imagem do escritor Machado de Assis e das relações sociais no Rio de Janeiro oitocentista e não da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A introdução de Lúcia Miguel Pereira aborda o romance apenas no final do texto, depois de ter passado mais detidamente pela infância e adolescência do jovem Joaquim Maria; a edição cubana também fala do romance apenas nos últimos parágrafos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que fizemos neste trabalho foi pensar em como leitores e leitoras hispano-falantes veem Machado de Assis a partir da tradução de um de seus romances. Por aquilo que poderia ser uma «obra difusa», os paratextos presentes nas traduções assumem papéis ativos na construção de um imaginário do escritor e de como poderiam se dar as relações sociais em um Brasil escravagista.

Sabemos que o próprio Machado de Assis se interessava pela tradução de sua obra, pois reconhecia o poder da tradução para levá-lo a outros lugares e entendia que a circulação em outros países seria uma possibilidade de novos leitores e novos mercados (Guimarães, 2012). Pudemos perceber que não só as obras são recriadas em outros lugares, mas a própria imagem do autor está sempre em processo de construção, nunca acabada, em um por vir.

Assim, os paratextos, potencialmente, projetam Machado de Assis para um grupo composto por leitores não só de especialistas, uma vez que os traços que escolhem para descrever nosso escritor constroem outro imaginário sobre a figura de Machado de Assis, (re)criando-o em um outro lugar e em outros tempos. Vemos que essas mudanças aconteceram nos textos que acompanham, apresentam, introduzem e ampliam a obra de Machado de Assis, e não no texto do romance propriamente dito. Porém, criam outro ambiente para a recepção do dito romance, por se tratar de um «eixo transversal» (Vilariño Garrido, 2005: p. 33), ou seja, por lidar com «fatores que aparentemente são externos ao ato tradutivo».²⁸

Embora este trabalho tenha se restringido a apenas duas traduções de Machado de Assis (o que abre espaço para novas leituras de outros paratextos em outras obras, para assim ampliar a compreensão desse Machado de Assis «imaginário») e a alguns elementos paratextuais diferentes (orelha, colofão, ficha catalográfica, capa e apresentação), sabemos que as características apresentadas são amplamente divulgadas, inclusive no Brasil, no ensino médio, e fazem parte daquilo que constitui nosso imaginário coletivo de Machado de Assis. Mesmo que Massa e Piza destaquem contrapontos, principalmente sobre a gagueira, a timidez e a epilepsia de Machado, temos amostras de como esses fatores, a princípio negativos, são revelados ao público hispano-falante como características que impulsionaram o escritor à genialidade das letras, e é por esses descritores que Machado de Assis se faz presente para leitores estrangeiros, já que os contrapontos foram levantados aqui e não nos próprios paratextos, isto é, os leitores comuns de Machado de Assis serão guiados pelos traços biográficos apresentados nos paratextos como referência para a criação mental do autor. O tema da cor e origem de Machado de Assis também se repete com bastante frequência juntamente com a ascensão social. Daí a importância e a necessidade de trazer à tona questões sobre a formação social do Brasil, país em que «mais do que em qualquer outra parte, a condição e o gênero de vida definem a participação efetiva a um grupo social» (Massa, 2009b: p. 57).

É preciso ainda destacar que todas essas possibilidades de discussão acontecem a partir daquilo que envolve, amplia, introduz, apresenta a tradução, o que a princípio estaria à margem. Os estudos de paratradução permitem, por conseguinte, analisar aspectos que estão ao lado da

²⁸ «factores que aparentemente son externos ao acto tradutivo»

chamada «tradução propriamente dita» e, ao mesmo tempo, participam da construção tanto dessa tradução como de imaginários que não se localizam no texto, levando-nos a refletir sobre eles. Se o próprio Machado de Assis não saiu do Rio de Janeiro, certamente a paratradução o está apresentando de modos diversos para novos públicos, sendo este um dos fatores determinantes da produção editorial.

Retomando o que dissemos no início deste trabalho, a produção editorial de uma tradução literária participa ativamente na construção do texto. Vimos, com os exemplos aqui estudados que, embora sejam «o mesmo texto» –os dois textos são letra a letra idênticos–, os resultados editoriais, graças aos trabalhos com paratextos, são outros. A experiência de leitura muda de um livro para outro.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Álvarez Lugrís, Alberto (2014), «Paratraducción editorial», em Xoán Montero Domínguez (org.), *Traducción e industrias culturales: nuevas perspectivas de análisis*, Frankfurt, Peter Lang, pp. 15-33, disponível em <http://paratraduccion.com/alugris/wp-content/uploads/2014/07/artigoPeterLang.pdf> (data de consulta: 10/2/2010).

Assis, Joaquim Maria Machado de (1881), *Memórias póstumas de Brás Cubas*, edição em hipertexto, disponível em http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/brascubas.htm (data de consulta: 30/10/2019).

Assis, Joaquim Maria Machado de (1902), *Memorias póstumas de Blás Cubas*, trad. Julio Piquet, Montevideu, Uruguai, Imprenta de La Razón.

Assis, Joaquim Maria Machado de (2006), *Memorias póstumas de Blas Cubas*, trad. Antonio Alatorre, introd. Lúcia Miguel Pereira, notas de Antonio Alatorre e Pero de Botelho, 3.^a ed. México, Fondo de Cultura Económica.

Assis, Joaquim Maria Machado de (1963), *Memorias póstumas de Blas Cubas*, trad. Antonio Alatorre, notas de Antonio Alatorre e Pedro de Botelho, Havana, Cuba, Casa de las Américas.

- Cardellino Soto, Pablo (2012), «Traducciones de Machado de Assis al español», em Andréia Guerini *et al.* (orgs.), *Machado de Assis: tradutor e traduzido*, Florianópolis, Ed. Copiart, pp. 129-159.
- Clüver, Claus (2016), «Iconicidade e isomorfismo em poemas concretos brasileiros», *O Eixo e a Roda. Revista de Literatura Brasileira*, v. 13, pp. 19-38, disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3214/3158 (data de consulta: 04/02/2020). DOI: <https://doi.org/10.17851/2358-9787.13.0.19-38>.
- Espinosa Dominguez, Carlos (2010), «Andanzas póstumas: Machado de Assis en español», *Caracol*, 1, pp. 64-85, disponível em: <http://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/57638/60694> (data de consulta: 30/10/2019). DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9651.v0i1p65-85>.
- Even-Zohar, Itamar (2000), «The position of translated literature within the literary polysystem», em Lawrence Venuti (ed.), *The Translation Studies Reader*, Londres, Routledge, pp.192-197.
- Garrido Vilariño, Xoán Manuel (2005), «Texto e Paratexto. Tradución e Paratradución», *Viceversa, Revista Galega de Tradución*, 9-10, pp. 31-39.
- Genette, Gérard (2009), *Paratextos editoriais*, trad. Álvaro Faleiros, Cotia, SP, Ateliê Editorial.
- Guimarães, Hélio de Seixas (2012), «Uma vocação em busca de línguas: as (não) traduções de Machado de Assis», em Andréia Guerini *et al.* (orgs.), *Machado de Assis: tradutor e traduzido*, Florianópolis, Ed. Copiart, pp. 35-43.
- Lefevere, André (2007), *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*, trad. Cláudia Matos Seligmann, Bauru, SP, Edusc.
- Massa, Jean-Michel (2009a), «A França que nos legou Machado de Assis», em Benedito Antunes e Sérgio Vicente Motta (orgs.),

Machado de Assis e a crítica internacional, São Paulo, Editora Unesp, pp. 231-265.

Massa, Jean-Michel (2009b), *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*, prólogo de Antonio Candido, posfácio de Paulo Rónai, trad. Marco Aurélio de Moura Matos, 2.^a ed., São Paulo, Editora Unesp.

Massa, Jean-Michel (2009c), «Reabilitação de Machado de Assis», em Benedito Antunes e Sérgio Vicente Motta (orgs.), *Machado de Assis e a crítica internacional*, São Paulo, Editora Unesp, pp. 33-54.

Piza, Daniel (2006), *Machado de Assis: um gênio*, 2.^a ed. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Pereira, Lúcia Miguel (1988), *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 6.^a ed., Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

Rocca, Pablo (2009), «Machado de Assis, escritor do Rio da Prata: duas hipóteses contraditórias», *Cadernos de Letras da UFF / Dossiê: Diálogos Interamericanos*, 38, pp. 35-49, disponível em <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/38/artigo2.pdf> (data de consulta: 30/10/2019).

Silva, Liliam Ramos da (2018), «Não me chame de mulata: uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no Brasil no par de línguas espanhol-português», *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 57, 1, pp. 71-88, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tla/v57n1/0103-1813-tla-57-01-0071.pdf> (data de consulta: 5/11/2019). DOI: <https://doi.org/10.1590/010318138651618354781>.

Silva, Teresinha Vânia Zambrão da (2014), «Machado de Assis e o mulato de “alma grega”», *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, 7, 14, pp. 229-239, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/mael/v7n14/1983-6821-mael-7-14-00229.pdf> (data de consulta: 3/2/2020). DOI: <https://doi.org/10.1590/S1983-68212014000200015>.

Yuste Frías, José (2015), «Paratraducción: la traducción de los márgenes, al margen de la traducción», *DELTA.*, 32-especial, pp. 317-347, disponible em <https://www.scielo.br/pdf/delta/v31nspe/1678-460X-delta-31-spe-00317.pdf> (data de consulta: 17/11/2020). DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445031725373379053>.

Yuste Frías, José (2011), «Traducir para la pantalla: el traductor entre el texto y la imagen», em Elena Di Giovani (ed.), *Diálogos intertextuales 5: Between Text and Receiver: Translation and Accessibility / Entre texto y receptor: traducción y accesibilidad*, Frankfurt, Peter Lang, pp. 57-88, disponible em: http://www.joseyustefrias.com/wp-content/uploads/2020/06/JoseYusteFrias2011_TraducirParaLaPantalla.pdf (data de consulta: 17/11/2020).